



As Animações de Sylvain Chomet a Representação da Cultura Francesa¹

Camila Germano BARP²

Eduardo Yuji YAMAMOTO³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, Paraná

RESUMO

O presente texto se propõe a estudar as representações da cultura tradicional francesa e suas interferências a partir dos filmes de animação do diretor Sylvain Chomet. A pesquisa foi realizada através dos conceitos de Tradução e Tradição do autor Stuart Hall, bem como seu discurso sobre a cultura como comunidades imaginadas. O autor Renato Ortiz contribui com a ideia de mundialização, que nos situa dentro dos contextos propostos pelo diretor estudado. O texto desenvolve uma análise de conteúdo e encontra, em dois agrupamentos, pontos-chave: a resistência e a decadência.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Cultural; Sylvain Chomet; Análise de Conteúdo.

INTRODUÇÃO

O presente texto se propõe a analisar a cultura francesa nas animações de longa e média metragem de Sylvain Chomet a partir da crise de identidade trazida pela globalização. As três animações de sua filmografia, *La Vieille Dame et les Pigeons* (1998), *Les triplettes de Belleville* (2002) e *L'illusionniste* (2010), foram escolhidas como *corpus* da pesquisa por funcionarem como suporte do discurso de Chomet sobre a questão das interferências externas na cultura da França, ou seja, um “supermercado global”, segundo a expressão do antropólogo Gordon Mathews, hoje à disposição do indivíduo francês para a construção de sua identidade cultural.

[...] cultura, de fato, continua a ser significativa se pudermos juntar as primeiras ideias de cultura como ‘o modo de vida de um povo’ a um conceito mais contemporâneo de cultura, como ‘as informações e identidades disponíveis no supermercado cultural global’ (MATHEWS, 2002, p. 15).

¹Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

²Discente do curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro-PR). Bolsista voluntária do Programa Institucional de Iniciação Científica da Unicentro (PROIC), email: camilagermanobarp@gmail.com

³Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) Docente do curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro-PR). Orientador do trabalho, email: yujieduardo@gmail.com



O objetivo deste texto é identificar, nas três animações, a visão de Chomet sobre a crise identitária da França atravessada pela globalização (supermercado global), ou seja, identificar um possível sentido que se constrói através de sua narrativa sobre a história recente da França.

Para isso situamos o objeto de nossa pesquisa no contexto de mundialização da cultura, conforme Renato Ortiz para nele observar a dinâmica interna da cultura diante dos processos homogeneizadores provenientes da massificação tecnológica e das pressões da economia global. Ainda neste contexto, recuperamos as ideias de Stuart Hall sobre “comunidades imaginadas” e dos processos de “Tradição” e “Tradução” como mecanismos de resistência e ressignificação da cultura nacional frente às interferências externas da globalização.

A partir de nosso *corpus* de pesquisa, selecionaremos cenas (frames) das três animações que servirão de enunciados para a produção de sentido do trabalho desta trilogia de Chomet. O critério de seleção destas cenas, em cada uma das três animações, como veremos na metodologia, se deve ao fato delas indicarem o sentido que será revelado em seu conjunto, isto é, a posição de Chomet frente à dinâmica da cultura francesa num momento de crise identitária decorrente da globalização.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Muitos problemas da cultura na atualidade estão relacionados ao impacto da globalização sobre povos e tradições historicamente consolidadas. É também o caso retratado pelas animações de Chomet. Segundo Renato Ortiz, há de se diferenciar os processos econômicos dos culturais para melhor compreender as interferências externas que podem impactar determinadas comunidades nacionais.

[...] creio ser interessante nesse ponto distinguir entre os termos ‘global’ e ‘mundial’. Empregarei o primeiro quando me referir a processos econômicos e tecnológicos, mas reservarei a ideia de mundialização ao domínio específico da cultura. A categoria ‘mundo’ encontra-se assim articulada a duas dimensões. Ela vincula-se primeiro ao movimento de globalização das sociedades, mas significa também uma ‘visão de mundo’, um universo simbólico específico à civilização atual. Nesse sentido ele convive com outras visões de mundo, estabelecendo entre elas hierarquias, conflitos e acomodações (ORTIZ, 1994, p. 29).



O autor diferencia a dimensão cultural da econômica, seccionando os termos “globalização” e “mundialização”, dedicando o primeiro aos processos econômicos e reservando o segundo termo para a cultura e suas “hierarquias, conflitos e acomodações”, ou seja, a seus processos internos de movimentação e diferenciação.

A globalização, segundo Ortiz, é um processo de homogeneização, trabalha com a ideia de unificação: um só sistema econômico é conveniente para todo o planeta. Podemos pensar, de forma prática, a importação da tecnologia norte americana para diversos países e a aceitação do dólar enquanto equivalente monetário geral. Por sua vez, a mundialização refere-se a uma dinâmica diferente, um mundo heterogêneo à parte, que busca diferenciar-se na globalização. Na mundialização, a globalização (o assédio de culturas externas), é recebida pelas culturas nacionais, ora como resistência (Tradição), ora como ressignificação (Tradução). Tais conceitos são provenientes de Stuart Hall

Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de ‘Tradição’, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou ‘puras’; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (segundo Homi Bhabha) chama de ‘Tradução’ (HALL, 1996, p. 87).

Os conceitos de Tradição e Tradução que Hall propõe nos ajudam a compreender as maneiras de reagir das culturas influenciadas pela globalização. Quem resiste às culturas ou influências externas, “tradicionaliza” a sua cultura, nela buscando a sua purificação; quem incorpora tais conteúdos em um combinado de signos, ressignificando-os, “traduz”, promovendo novos aspectos culturais.

Em ambos os casos, a cultura é entendida como “comunidade imaginada”, ou seja, uma ilusão consentida por todos aqueles que compartilham um território e legitimam a sua unidade em signos ancestrais, sejam eles provenientes da “tradição” (a busca de algum evento no passado), sejam eles criados recentemente (tradução). A ideia, segundo Hall, deve-se ao fato de não termos a nossa nacionalidade no gene da cultura, mas a adotamos tão firmemente que assim parece.

Hall diz que culturas e nações são discursos, identificamo-nos com eles de maneira deliberada por estarmos neles imersos constantemente. A cultura francesa, tema



deste estudo, conforme observou Dante Moreira Leite (1969), vem sido afirmada desde Napoleão Bonaparte que semeou no povo francês, durante as suas conquistas no século XIX, a fantasia de uma cultura pura e unificada. O objetivo, segundo Leite, era motivar o povo, reconstruindo um passado mais glorioso e digno, de modo que todos se identificassem com essa “comunidade imaginada” e aceitassem, como um destino natural, a expansão de seu governo.

Nesse caso, observa Hall, culturas podem ser interpretadas como fábulas, contos que, através da repetição, convencem e unificam os "filhos da pátria".

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo ‘unificadas’ apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. Entretanto – como nas fantasias do eu ‘inteiro’ de que fala a psicanálise lacanianas identidades nacionais continuam a ser representadas como unificadas (HALL, 1996, p. 68-69).

METODOLOGIA

As animações de Chomet trazem uma situação-problema: a crise cultural francesa. Ele apresenta, em enredos distintos, os modos como a globalização pode interferir em sistemas culturais tradicionalmente consolidados. O diretor aborda, com saudosismo, temáticas que explicitam as dificuldades de manter certas tradições, principalmente quando há a pressão de culturas externas ameaçando as suas raízes imaginadas.

A tragicidade com que o diretor aborda a tentativa de recuperação cultural nos propõe a presente reflexão sobre o tema: afinal, como, na posição do diretor, a cultura francesa tem lidado com este fenômeno da mundialização?

Para responder a essa indagação, recorreremos à técnica da Análise de Conteúdo que, diferentemente da Análise do Discurso, busca não o modo como o texto funciona, ou seja, como os seus elementos internos se engendram para produção de seu sentido, mas o próprio sentido, depreendendo daí a posição de Chomet.

A análise do conteúdo, como sabemos, procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: o que este texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A



questão que ela coloca é: como este texto significa? (ORLANDI, 2002, p. 17).

Neste caso, utilizaremos a Análise de Conteúdo, um tipo de análise que, segundo Manuela Penafria,

[...] considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme. A aplicação deste tipo de análise implica, em primeiro lugar, identificar-se o tema do filme (o melhor modo para identificar o tema de um filme é completar a frase: Este filme é sobre...). Em seguida, faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema (PENAFRIA, 2009, p. 06).

A crise cultural francesa está retratada de maneiras diversas nos três filmes de Chomet, estando ela em primeiro, segundo ou terceiro plano no enredo. A análise do filme a partir da seleção de *frames* se mostrou necessária para a identificação dos “índices” que ligarão o trabalho total do diretor no tema da resistência cultural dos franceses (encarnado nos personagens de cada animação) sob os apelos da globalização.

Na análise do conteúdo, a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre aspectos latentes da mensagem analisada. Assim como o arqueólogo ou o detetive trabalham com vestígios, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência, tirando partido do tratamento das mensagens que manipula, para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor ou sobre o destinatário da comunicação (FONSECA JR. In DUARTE; BARROS, 2005, p. 284).

A partir da análise de conteúdo extrairemos *frames* para a investigação e comprovação “lógica” dos argumentos que sustentam a posição de Chomet no tocante à representação da cultura francesa em suas animações.

ANÁLISE DA FILMOGRAFIA

Sylvain Chomet é um diretor francês com formação em Artes Plásticas. Ele começou a sua carreira em Londres, trabalhando com publicidade. Em 1991, em Montreal, dedicou-se a criação de seu primeiro trabalho animado, *La Vieille Dame et les Pigeons*. Finalizado em 1996, este média metragem foi, posteriormente, indicado ao César e ao Oscar. Em 2003, Chomet lançou a sua segunda animação, o longa metragem *Les Triplettes de Belleville*, exibida em Cannes. Em 2011, adaptando o roteiro original de Jacques Tati, produz a sua terceira animação, o longa metragem *L'illusionniste*.



La Vieille Dame et les Pigeons foi lançado em 1998. A história é ambientada em Paris, nos anos de 1950. Um guarda local vigia o *Trocadero*, onde uma família obesa estadunidense passeia fotografando em frente à Torre; o guarda é retratado de maneira miserável, muito magro e com fome, sobrevoando os restos de alimentos dos turistas. O guarda, como condutor da história, encontra uma senhora alimentando pombos com pratos muito finos e diversos, os pombos engordam tanto que são incapazes de voar. Sentindo-se incomodado com a situação, o guarda resolve vestir-se de pombo e alimentar-se abundantemente à custa da senhora, até que ele descobre a sua real intenção: fornece-lhe de alimento a seu gato obeso. Para escapar deste destino, o guarda se joga do prédio deformando a parte da cabeça de sua fantasia de pombo.

Em *Les Triplettes de Belleville*, Champion, um menino cuidado por sua avó, vive muito triste nos subúrbios parisienses dos anos de 1930. Nada faz o menino feliz, nem as apresentações de TV, nem a música de sua avó, nem mesmo um cachorro que a avó lhe oferece para lhe fazer companhia. Champion tinha o sonho de participar do *Tour de France*. Por ocasião, sua avó descobre a ligação do protagonista com bicicletas e o presenteia, mudando sua vida completamente. Durante muitos anos, Madame Souza, avó de Champion, o submete a treinos rigorosos até torná-lo digno para competir no Tour. O grande dia chega, mas é interrompido por figuras misteriosas que sequestram o jovem Champion. A partir daí Madame Souza parte em uma busca feroz pelo seu neto, acompanhada pelo cachorro Bruno. Pelo caminho, ela vivencia muitas aventuras e tem ajuda das famosas trigêmeas de Belleville, cantoras de cabaré dos anos 30 que Madame Souza admirava no passado. Após salvar Champion, a avó e o neto retornam à sua antiga rotina, na mesma velha casa em Paris.

Por fim, *L'Illusioniste* conta a história de um mágico que se vê ameaçado pelas novas correntes artístico-culturais recém-chegadas na França na década de 1950. Movimentos musicais como o *Rock and Roll* começam tomar o espaço dos palcos que antes eram destinados às apresentações de mágica e ilusionismo. O mágico vê-se obrigado a deixar o seu país em busca de outros lugares que pudessem lhe dar abertura para desempenhar a sua arte. Ele conhece uma jovem chamada Alice que fica impressionada com o talento do mágico e o segue em viagem, passando a ser sua ajudante. O mágico é diariamente desafiado pelas novas formas de entretenimento e tenta adaptar-se, mas seu padrão de vida continua decaindo enquanto tenta encontrar melhores oportunidades para prosseguir em sua profissão. Enquanto isso, Alice, que o acompanha, é constantemente seduzida por roupas e sapatos da moda que o mágico tudo

faz adquiri-los. Após sucessivos fracassos, e percebendo que Alice estava bem encaminhada na vida (ela conhecera um jovem bem intencionado que resolve cuidá-la), o mágico retorna para seu País natal.

As três animações nos trazem situações de resistência da cultura tradicional francesa e, ao fim, a sua decadência representada no destino de seus protagonistas. No primeiro caso, na hipocrisia do guarda em manter a sua moral íntegra sucumbindo à obesidade; no segundo; na tentativa de preservação de uma memória gloriosa (a aventura de Champion) num ambiente de decadência cultural; já no terceiro, na manutenção da Belle Époque francesa (representada pelos teatros, casas de música etc.) que obriga o personagem a uma busca (viagem) frustrada. O conceito de “tradição”, neste caso, sobrevém ao de “tradução”, levando os personagens a resguardarem o passado cultural da França ao ponto de levarem consigo na queda do prédio (*Vieille Dame et les Pigeons*), na velhice (*Les Triplettes de Belleville*) e na solidão (*L'Illusioniste*). Em nenhum destes casos há abertura e ressignificação dos protagonistas a fim de superar a decadência a qual todos atravessam.

(Figura 1 - resistência)



As três animações são ambientadas nos anos de 1950, momento em que a cultura americana já chegara a terras europeias e em que as culturas dos países de lá começam a tomar mais espaço e invadir umas as outras. Tal período coincide com o final da Segunda Guerra Mundial, época, segundo Hall, em que comparecem os problemas culturais decorrente globalização, e onde o fenômeno da mundialização evidencia-se com mais força, pondo em xeque o purismo das culturas, a ideia de uma essência duradoura; momento em que a crise da identidade cultural no mundo instala-se de maneira definitiva.

Neste contexto, as três animações trazem as interferências externas à cultura francesa que provocam, como reação, a resistência dos personagens para que a tradução cultural não aconteça, ou seja, estes personagens fecham-se em si mesmos buscando a integridade da tradição cultural do país, do discurso histórico e idealisticamente construído (a comunidade imaginada).

A resistência do discurso cultural é representada de diversas maneiras nas animações. O guarda, em *La Vieille Dame et les Pigeons* é cercado por pombos gigantes, que o assediam em seu universo cultural, representando maior força e influência (Figura 1). Em *Les Triplettes de Belleville*, a pequena casa nos subúrbios parisienses, onde moram Champion e Madame Souza, é ameaçada pelo crescimento da cidade, mas permanece ali, intacta, anos após anos (Figura 1). O Mágico, de *L'illusionniste*, vê-se marginalizado com a chegada de astros do *rock* nos palcos antes ocupados pelos shows de magia, mas a sua reação é a fuga e a desistência.

Todos os personagens demonstram, através de suas histórias, maneiras de negar as forças externas e proteger a tradição cultural, outrora imaginada, mas que, nos dias atuais, encontra-se ultrapassada.

O guarda não “traduz” seus valores morais ajustando a sua conduta conforme a mudança cultural que recai sobre a França a partir da Segunda Guerra Mundial. Do contrário, quer manter os mesmos valores (agora arcaicos) e aproveitar-se daquilo que a situação oferece. Consciente da interferência cultural que se abate sobre o país, ele se mantém na posição de guardião da moral. O personagem é oportunista do início ao fim da animação e foge de situações desconfortáveis capazes de alterar seus valores morais. Porém, a situação torna-se insustentável quando a Velha Senhora exige a sua contrapartida, fazendo-o recuar até que este se precipita tendo um fim trágico: despenca do apartamento da Velha Senhora.

Champion, em *Les Triplettes de Belleville*, mantém sua tradição pessoal e nacional, desde muito cedo, quando começa a cultivar as bicicletas e mantém seu foco no *Tour de France*, evento de forte expressão cultural. O protagonista, entretanto, demora a participar deste grande evento compartilhado por muitos jovens ciclistas de várias partes do mundo, sendo, posteriormente assediado pela máfia francesa que o transforma em uma “engrenagem” cultural, uma peça em torno da qual se movimenta o nacionalismo francês. Champion é representado como uma marionete, não possui autonomia. Até a ação principal, o seu resgate, é promovida pela sua avó, com ajuda das trigêmeas de Belleville, que hoje estão em franca decadência. Champion mantém-se resistente durante todo o filme: não busca (ou não consegue) modificar-se, interiorizando-se até a sua velhice.

O Mágico, em *L'illusionniste*, vê-se oprimido pelas novas formas de espetáculos recém-chegados à França e tem de migrar. O seu País já não é o melhor lugar para manter a sua tradição. Mesmo migrando, o mágico mantém sua conduta, seu espetáculo

decadente e sua forma simples de vida. Alice, sua ajudante, é a contradição do protagonista: ela traduz o tempo todo. É encantada por vitrines e pela moda do momento, abre-se ao ponto iniciar uma nova vida ao lado do jovem que conheceu. O mágico, por sua vez, mantém-se intacto em seus valores e esperança, convencendo-se de que a mágica é o que sabe fazer, vendo seu padrão de vida decair a cada dia. Hospedado em um hotel que, sugere-se, representa um depósito de velhos artistas, ele prossegue até perceber que o momento da inocência, motor de seus espetáculos, já havia passado.

Os protagonistas que conduzem as animações de Chomet sofrem com os novos elementos incorporados a cultura francesa. Resistem e insistem em manter os seus valores ao ponto de naufragá-los com eles. A comunidade francesa, por eles imaginada, não flexiona, não traduz; ao contrário leva-os à ruína.

(Figura 2 - decadência)



Os *frames* selecionados (Figura 2) indiciam o trágico destino dos personagens. O guarda é traído por seu próprio plano e decai para fugir de um cruel destino. Seus valores morais não deixam o personagem crescer, alterar-se, transmutar-se. Sua inflexibilidade o transforma numa versão inalterada de si. Champion, por sua inabilidade e por seus costumes, termina sua vida como começou: na mesma casa, agora ainda mais velha. Movido pelas lembranças da infância, que preenche toda a narrativa, o ciclista, mesmo velho, permanece preso a seus rituais.

Porém, é no filme *L'illusionniste* que a tragédia aparece de maneira mais explícita. Nas cenas finais, em um bilhete deixado para Alice, o protagonista deixa claro a sua decepção e decadência, avisando à menina que a mágica já não existe.

Após muito tentar, vivendo em um depósito de antigos artistas, e vendo seus colegas de profissão cada vez mais depressivos e menos numerosos, o mágico tenta trabalhar de outras maneiras, mas é impedido pela sua “tradição”. Sua maneira de ver o mundo já fora ultrapassada pela sociedade atual e por novas formas de atrações e, compreendendo isso, retorna à França sem renovar-se.



Mesmo a decadência pela qual experimenta ao longo da viagem, esta ainda não é suficiente para fazer o mágico traduzir. Ele retorna às suas origens como um dia havia partido. A viagem não o transformou, apenas serviu de consolo para uma solidão que se intensificará até seu momento derradeiro. Em contrapartida, Alice, a quem ele deixa o bilhete, traduz e renova-se, tendo um final feliz no enredo do diretor.

Ao final, o mágico retorna à sua terra natal sabendo que nem a França, e nem as terras estrangeiras onde visitou, são favoráveis à manutenção de uma cultura pura, de uma identidade inflexível. A decadência revelada pelos protagonistas, que continuam o mesmo do início ao fim da história, ignorando ou não se adaptando aos estímulos do mercado cultural global, como sugere Chomet, indiciam um destino trágico.

CONCLUSÃO

Sylvain apresenta seus personagens de maneira caricata e seus protagonistas são notoriamente infelizes com suas realidades, lutando, ora para reconquistar seu espaço, como o mágico, ora para sobreviver, como o protagonista de *La Vieille Dame et les Pigeons*.

Durante as narrativas, os protagonistas mantêm uma forma de cultivar sua tradição, resistem para não resignificar ou atualizar-se dentro do mercado global.

Dessa forma, podemos interpretar o conteúdo de maneira que a tradução é indispensável à sobrevivência das comunidades imaginadas, as quais devem ser flexíveis à incorporação de novos elementos culturais.

O diretor evidencia que, através do culto de uma tradição pura, os personagens são levados à tragédia, fazendo crer a importância da renovação cultural para a sobrevivência de comunidades nacionais. Chomet sugere em seus enredos que resistir é inútil e a opção mais viável da cultura (no caso a francesa) é, justamente, reconstruí-las através do fluxo global de novos elementos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FILMOGRÁFICAS

ALLO CINE, **Sylvain Chomet et sa biographie**. Disponível em <<http://www.allocine.fr/personne/fichepersonne-2583/biographie/>>, acesso em 05/04/2015.

CHOMET, Sylvain, **La Vieille Dame Et Les Pigeons**. Pascal Blais et Les Amateurs, França, 1998, média-metragem.

CHOMET, Sylvain, **Les Triplettes De Belleville**. Sony Pictures, Pathé. França, Bélgica, Canadá, 2003, longa-metragem.

CHOMET, Sylvain, **L' Illusionniste**. Sony Pictures, Pathé. França, Reino Unido, 2010, longa-metragem.

FONSECA JR., Wilson Corrêa. **Análise de conteúdo**. In. DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, p. 280-304.

HALL, Stuart, **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006.

LEITE, Dante Moreira, **O Caráter Nacional Brasileiro – história de uma ideologia**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969.

MATHEWS, Gordon, **Cultura Global e Identidade Individual**. Bauru: EDUSC, 2002.

ORLANDI, Eni P, **Análise De Discurso: Princípios E Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2002.

ORTIZ, Renato, **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PENAFRIA, Manuela, **Análise de Filmes – Conceitos e Metodologia(s)**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em 11 abr. 2015.